

Coleções pessoais e a materialização das histórias individuais

Alessandro Ferreira Costa

Doutor em Ciência da Informação

Professor Adjunto da Escola de Ciência da Informação / UFMG

alessandrocosta@eci.ufmg.br

Resumo: Os objetos recolhidos por um indivíduo em seu percurso de vida revelam muito mais que o valor intrínseco à sua natureza material: acabam por demonstrar, também, o valor simbólico atribuído pelo colecionador a cada um daqueles itens colecionados, como um “texto” que narra histórias passíveis de leitura e interpretação. Àquele que se coloca diante desse acervo, enquanto recurso de informação e subsídio à pesquisa, cabe o desafio de se manter o mais fiel possível à linguagem original estabelecida por seu titular de forma a possibilitar uma compreensão mais pormenorizada daquele indivíduo, do seu tempo e da própria cultura. Neste contexto, a presente comunicação tem por objetivo tornar público os resultados parciais da pesquisa acadêmica “A coleção pelo olhar do colecionador: o que dizem os acervos pessoais”, que busca compreender as vertentes emocional e pragmática envolvidas no processo de formação de coleções, como requisito básico para uma aproximação e apropriação mais eficaz do observador-leitor de uma dada coleção pessoal, otimizando assim, a percepção do que efetivamente representa aquele acervo enquanto registro histórico.

Palavras-chave: Colecionismo; acervos pessoais; memória; história.

INTRODUÇÃO

No decorrer do seu percurso de vida, seja em resposta às necessidades impostas pelo cotidiano, seja em virtude dos desejos que habitam a sua mente, o indivíduo humano acaba por se munir dos mais diversos tipos de objetos¹⁸² que passam a compor e delinear o seu espaço físico e emocional. Porém, o nível e o tipo de aproximação estabelecida entre aquela pessoa e a sua coleção de objetos só pode ser mensurada a partir da análise das especificidades inerentes a este singular relacionamento. Qualquer observação externa que não contemple o “olhar” daquele indivíduo está fadada ao erro, isso é certo.

¹⁸² Ao temo *objeto* atribuímos, aqui, o sentido de *documento* expresso por Bellotto (2004): “Segundo a conceituação clássica e genérica, documento é qualquer elemento gráfico, iconográfico, plástico ou fônico pelo qual o homem se expressa. É o livro, o artigo de revista ou jornal, o relatório, o processo, o dossiê, a carta, a legislação, a estampa, a tela, a escultura, a fotografia, o filme, o disco, a fita magnética, o objeto utilitário etc., enfim, tudo o que seja produzido, por motivos funcionais, jurídicos, científicos, técnicos, culturais ou artísticos, pela atividade humana”. BELLOTTO, Heloisa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p.35.

Esta breve comunicação tem por objetivo tecer algumas considerações sobre o conceito de *coleção formal* e de *coleção funcional* - bem como suas características básicas - e a importância destas enquanto fonte de informação privilegiada a uma compreensão mais fidedigna possível do indivíduo que sistematicamente reuniu todo aquele complexo acervo material, baseando-nos, aqui, no que cita Vera Grecco:

A necessidade de colecionar é contemporânea da coleção de objetos utilitários que acompanhava o homem primitivo em seus deslocamentos. Com o tempo, foi estendida aos objetos de uso religioso e, aos poucos, aos evocativos, **pois as ações humanas não são aleatórias, têm significado, são regulamentadas, repetidas, aperfeiçoadas e revestidas de simbolismo que pode ser transferido a elementos palpáveis.** [Grifo nosso]¹⁸³

COLEÇÕES

[...] as práticas individuais de colecionar, que exercitam a discriminação dos objetos dispostos no mundo para o desenvolvimento da inteligência, transmutam-se pela comunicação entre os indivíduos - como exercício de ordenação comum dos objetos dispostos no mundo - para o desenvolvimento da razão e do discurso, como práticas sociais civilizatórias. (LOPES, 2010, p.380-381)¹⁸⁴

Segundo Francisco Marshall¹⁸⁵, o núcleo semântico e significativo do termo *coleccionismo* está na “relação entre por em ordem - raciocinar - (*logeín*) e discursar (*legeín*), onde o sentido de falar é derivado do de coletar: a razão se faz como discurso. O discurso, morada da razão. Ordenar, colecionar, narrar” um universo temático qualquer, material ou imaterial. Por sua vez, Sérgio Crusco¹⁸⁶ define que colecionar é tão e simplesmente o ato de contar histórias. Neste contexto, o desafio a ser vencido por aqueles que anseiam a “leitura” dessa narrativa é a compreensão da estrutura simbólica, associada e decorrente do colecionador, impressa nos processos de seleção, organização e exposição dos seus objetos: ele é o meio e a razão de ser de tudo o que se encontra reunido.

¹⁸³ GRECCO, Vera Regina Luz. Colecionismo: o desejo de guardar. *Jornal do MARGS*, Porto Alegre, n.83, junho de 2003.

¹⁸⁴ LOPES, José Rogério. Colecionismo e os ciclos de vida: uma análise sobre percepção, duração e transitoriedade dos ciclos de vida. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n.34, p.377-404, jul./dez.2010. p.380-381.

¹⁸⁵ MARSHALL, Francisco. Epistemologias históricas do colecionismo. *Episteme*, Porto Alegre, n.20, p.13-23, jan./jun.2005, p.15.

¹⁸⁶ CRUSCO, Sérgio. Colecionar é contar histórias. *Revista Continuum Itaú Cultural*, São Paulo, n.29, p.12-15, jan./fev.2011.

Para que essa tarefa possa ser iniciada, porém, é necessária a compreensão e a distinção entre dois perfis de coleções: as *formais* e as *funcionais*¹⁸⁷. Por coleção formal compreendemos a reunião sistemática de objetos os mais diversos, atrelados a um ou mais interesses do indivíduo Colecionador, tendo por fundamento primeiro a relação afetiva estabelecida entre eles. Aqui, os objetos são desnudados de sua função original (razão pela qual foram criados) e adquirem um novo valor, agora carregado pela subjetividade do sujeito que os reuniu. Por coleção funcional compreendemos a reunião objetiva de objetos os mais diversos, associados a uma ou mais necessidades do indivíduo colecionador, tendo por fundamento primeiro a relação prática estabelecida entre eles, com pouco ou nenhum envolvimento emocional. Referimo-nos, neste caso, a tudo aquilo que se mostra essencial para a execução dos nossos afazeres e obrigações.

Registradas essas considerações, podemos então afirmar que para compreendermos um sujeito, por meio daquilo que compõem o seu acervo pessoal e em sua complexidade, é mister o acesso a tudo aquilo que, seja por seu valor simbólico-emocional, seja por sua aplicação prática, traduz e materializa o indivíduo em um tempo e espaço definidos. Para Oliveira, Siegmann e Coelho¹⁸⁸, “em princípio, temos a tendência de entender as coleções como meros conjuntos de objetos da mesma natureza. Certamente, esses foram ali reunidos por manterem alguma relação entre si” e é essa relação que constrói a teia de significados que atribui sentido não só a uma coleção, mas também, àquele que a gerou.

Contrariando essa linha de raciocínio, durante os relatos colhidos para a realização da pesquisa acadêmica "A coleção pelo olhar do colecionador: o que dizem os acervos pessoais"¹⁸⁹, objeto desta comunicação, foi-nos possível perceber que parte significativa dos Colecionadores¹⁹⁰ entrevistados, ainda que devidamente amparados por toda a experiência adquirida, seja no campo teórico, seja na instância prática, acredita que desconsiderando a sua coleção formal não há nada de relevante nos demais objetos reunidos que possa lhes conferir o mesmo nível de dedicação e zelo quanto aos procedimentos de guarda (salvo aqueles que apresentam notória importância jurídica, fiscal ou no uso de suas atribuições

¹⁸⁷ Terminologia inicialmente adotada nas atividades de ensino e incorporada, posteriormente, no repertório conceitual dos trabalhos de pesquisa do autor.

¹⁸⁸ OLIVEIRA, Andréia Machado; SIEGMANN, Christiane; COELHO, Débora. As coleções como duração: o colecionador coleciona o quê? *Episteme*. Porto Alegre, n.20, p.111-119, jan./jun.2005. p.112.

¹⁸⁹ Pesquisa vinculada ao Departamento de Teoria e Gestão da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais - ECI/UFMG (2013-2015).

¹⁹⁰ Habitamos a grafar Colecionador com a primeira letra maiúscula quando a este se reporta uma coleção formal.

profissionais). Mesmo diante da argumentação sobre outras possibilidades de leituras inerentes ao valor representativo de suas coleções funcionais, os mesmos mantiveram-se hesitantes. Como bem o cita Soraia Nogueira (2004), a partir do momento em que um objeto é selecionado, possuído e ordenado por um sujeito, passa ele então a se constituir como um “espelho da sua personalidade, seu cotidiano, seu meio social, como uma espécie de biografia material, ‘amadurecendo’ ao longo dos anos”¹⁹¹. Ainda que a restrita aproximação emocional não confira às coleções funcionais o mesmo status das coleções formais, sob o ponto de vista biográfico, são ambas facetas de um mesmo indivíduo.

Outro aspecto também observado nessa pesquisa é a discutível relevância que atribuímos à manutenção da nossa própria história. Façamo-nos dois questionamentos: 1. os objetos que reunimos no decorrer do tempo, e que hoje se encontram devidamente guardados, representam aquilo que há de mais relevante enquanto expressão máxima da nossa existência?; e 2. conferimos mais importância à história do outro ou à nossa? Não pretendemos, neste momento, dedicar-nos à exposição de resultados mais detalhados oriundos das entrevistas, uma vez que ainda estão sendo analisados, contudo, é possível sim registrar que a quase totalidade dos entrevistados apresentou dois comportamentos básicos mediante a essas questões: primeiro, a negativa quanto à capacidade dos objetos hoje reunidos expressarem, de forma competente e convincente, as suas histórias de vida. Neste contexto, propomos ao leitor um momento de reflexão mediada pelo depoimento de um dos entrevistados: “Pensando bem, agora, sinto falta de muitas coisas que abri mão no passar dos anos. Nossa, se eu tivesse pensado bem, devia ter guardado tantas recordações que me traziam felicidade, mas ‘tava’ sempre pensando ‘pra’ frente que acabei me esquecendo do passado”. Podemos aprender algo com estas palavras?

O segundo comportamento registrado é a recorrência de um discurso que versa sobre a necessidade de ações conscientes e deliberadamente planejadas sobre a guarda de acervos pessoais em vista a posteridade: “Não preciso me preocupar com isso. Só pessoas importantes precisam deste cuidado, não eu”¹⁹². Tomando por referência esta ideia, qual é o critério - ou critérios - que atribui o valor de importância a um sujeito? Não somos todos nós protagonistas de nossas histórias individuais? Segundo Alfredo Bosi (1995), o homem é

¹⁹¹ NOGUEIRA, Soraia Nunes. *A imagem cinematográfica como objeto colecionável: o colecionador na era digital*. 241f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Belo Horizonte, 2004, p.15.

¹⁹² Frase atribuída ao colaborador da pesquisa (entrevistado) Sr. E. R., também citado no parágrafo anterior.

uma criatura que existe no tempo. Por isso “o homem nasce e morre. A matéria da sua vida se faz e desfaz: a medida dessa mutação é chamada tempo de vida. E o que é próprio do tempo? O ato de passar. O existir do homem é um passar”¹⁹³. Para que essa passagem se configure como algo tangível e, por sua vez, legitime a existência do indivíduo, a sua marca deve ser visível, material, e não há fonte de informação mais relevante sobre uma pessoa que tudo aquilo que fora por ela recolhido como subsídio ao seu dia a dia.

O arquivo pessoal como fonte de pesquisa apresenta variantes que convém explicar. Ele pode ser usado como documentação básica, como documentação alternativa, como documentação subsidiária ou como documentação paralela. O mesmo conjunto documental serve de uma forma ou de outra em relação à pesquisa proposta. Isso depende do tema, das hipóteses levantadas, da perspectiva da abordagem e do próprio fio condutor que o documento evidencia ao historiador e não o contrário.¹⁹⁴

CONSIDERAÇÕES

Os estudos de coleções se configuram, na atualidade, como um vasto e fértil campo de estudo que têm contribuído com múltiplas áreas do conhecimento, oferecendo diversas abordagens e interpretações. Esses estudos são importantes porque nos colocam perante a evidência do mundo da cultura material e de seus objetos. Ademais, desvendam as obscuras relações que o sujeito estabelece com os objetos.¹⁹⁵

Decifra-me ou te devoro, adverte ameaçadoramente a Esfinge no clássico da literatura *Édipo Rei*, de Sófocles. Por vezes, parece esta a mensagem que assola a mente dos pesquisadores quando diante do enigma que se constitui a leitura de um acervo de objetos pessoais. Contudo, proporcional ao desafio, o prêmio: dimensionar, de forma apropriada, camadas de subjetividade que constroem um sujeito. Mas quem é ele? Por que debruçar-me sobre sua vida e fazer dele objeto de estudo? Lembremos que o homem não nasce laureado com uma distinção especial: sua relevância é construída sobre ações e o impacto destas nem sempre é sentido no seio da sociedade, mas sim, no contexto mais íntimo daquele indivíduo. Por isso, não é cabível o uso de premissas absolutas que tenham por objetivo qualificar a sua importância, tão pouco, a pertinência do seu acervo. Ele é história,

¹⁹³ BOSI, Alfredo. *Considerações sobre tempo e informação*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (textos), 1995. p.1.

¹⁹⁴ BELLOTTO. *Arquivos permanentes*, p.268.

¹⁹⁵ MURGUIA, Eduardo Ismael. O colecionismo bibliográfico: uma abordagem do livro para além da informação. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*. Florianópolis, n. esp., p.87-104, 1.sem.2009. p.87.

simplesmente. Traz consigo a capacidade de ofertar ao mundo uma singular visão da realidade, presente ou passada.

[...] a análise dos colecionadores [formais] pode nos auxiliar a visualizar mais claramente alguns processos de consumo na sociedade contemporânea, notadamente no que tange às propriedades simbólicas que os bens carregam consigo, e também na compreensão dos processos de apropriação e personalização dos bens quando da sua passagem do domínio da produção para o domínio do consumo.¹⁹⁶

¹⁹⁶ CAVEDON, Neusa Rolita et al. Consumo, colecionismo e identidade dos bibliófilos: uma etnografia em dois sebos de Porto Alegre. *Horizonte Antropológicos*, Porto Alegre, n.28, p.345-371, jul./dez.2007. p.368.